

**As narrativas radiofônicas  
na perspectiva do Jornalismo Literário e da Cultura do Ouvir:  
programas *Conte Sua História de São Paulo* (CBN) e *National Story Project* (NPR)<sup>1</sup>**

Monica Martinez (ABJL/UniFIAMFAAM)

José Eugenio de Oliveira Menezes (PPGCOM da Faculdade Cásper Líbero)

**Resumo**

No contexto da convergência dos processos de comunicação, o rádio reconquista espaço como meio informativo e ambiente de sincronização do tempo social. Este meio pode ser um campo fértil para veiculação de narrativas de não-ficção e experimentações dos meios sonoros como ambientes de vinculação e participação. Para analisar a questão, este artigo compara dois corpos de pesquisa: do lado brasileiro, as 52 histórias de ouvintes-internautas exibidas no ano de 2009 no quadro *Conte Sua História de São Paulo*, programete transmitido aos sábados, ao redor das 10h30, no programa *CBN São Paulo*, da Rede CBN, que tem como âncora o jornalista gaúcho Milton Jung. Do lado estadunidense, as 54 histórias selecionadas pelo escritor Paul Auster no período de janeiro a dezembro de 2000 para o *National Story Project*, veiculado uma vez por mês no programa *All Things Considered*, da *National Public Radio*.

**Palavras-chave**

Comunicação; Cultura do Ouvir; Jornalismo Literário; *Conte Sua História de São Paulo* (CBN); *National Story Project* (NPR).

Graças à sua simplicidade, o rádio experimenta um reavivamento no contexto dos múltiplos processos de convergências dos meios de comunicação na contemporaneidade. Das características tradicionais do meio apontadas por Ortriwano (1985) destacamos a facilidade de acesso às mensagens devido principalmente a alguns elementos: 1) *conectividade* (a penetração das ondas sonoras até em pontos remotos), 2) *portabilidade* (a mobilidade do ouvinte, livre de fios e tomadas); *acessibilidade* (o baixo custo dos aparelhos); 4) *eficácia da comunicação* (basta ouvir e dominar o idioma em sua contraparte oral para se tornar um usuário). Mas, no século XXI, o quinto elemento talvez seja o menos estudado e o mais promissor: a *sensorialidade*, uma vez que “o rádio envolve o ouvinte, fazendo-o participar por meio da criação de um ‘diálogo mental’ com o emissor” (ORTRIWANO, 1985: 71). Na contemporaneidade o rádio por ondas ou o rádio sem ondas (ambientes digitais) continua a envolver os ouvintes e permitir experiências de imersão.

A questão da imersão é um dos princípios mais caros ao Jornalismo Literário (KRAMER, 1995; LIMA, 2008), seja do ponto de vista da produção, isto é, do mergulho

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no IV Colóquio Brasil-EUA de Ciências da Comunicação.

que o repórter faz no assunto para compreendê-lo e reportá-lo, seja no envolvimento que o uso de técnicas originárias da literatura produzem no leitor ou ouvinte da mensagem. Convém ressaltar que outros meios eletrônicos, como a televisão, o cinema e os *games*, avançam nesta concepção de ambientes interativos semi-imersivos e imersivos, com o desenvolvimento de tecnologias de simulação e visualização. Nos dois primeiros casos, o resultado concreto é o incremento da oferta de filmes em 3D, como *Avatar*, do cineasta estadunidense James Cameron, bem como de aparelhos de televisão digital em terceira dimensão. Num certo sentido, contudo, essa busca pela percepção aumentada da realidade não é nova, podendo ser mapeada nas pinturas rupestres feitas nas cavernas durante o período paleolítico (ZUFFO, 2008).

Notável é que, no quesito imersão, o rádio dispensa esses aparatos de altos custos limitados aos protagonistas com alto poder aquisitivo. Isso porque o meio sonoro traz em si elementos intrínsecos, como a locução e a sonorização, que historicamente propiciam esse mergulho na narrativa de forma simples, criativa e eficaz. Escutar rádio em um automóvel ao se deslocar para o trabalho ou o estudo, por exemplo, faz com que o próprio veículo torne-se por se uma câmara imersiva, um ambiente comunicativo.

Para o estudo desta questão do poder imersivo proporcionado pelas narrativas radiofônicas, analisaremos dois exemplos, um brasileiro e um estadunidense, que usaram caminhos diferentes para conseguir a interação com seus ouvintes. Trata-se do *Conte sua História de São Paulo*, veiculado pela rádio CBN, e do *National History Project*, da National Public Radio.

## **Metodologia**

A primeira fase da pesquisa compreendeu a revisão de literatura sobre o assunto. Em seguida, passou-se à coleta de dados. Desta forma, a análise do *Conte sua História de São Paulo* compreende os 52 programas que foram ao ar no ano de 2009. Num primeiro momento, em janeiro de 2010, foi feito o *download* dos 39 programas disponíveis no *blog* do jornalista responsável pelo programa, Milton Jung. Os programas foram salvos em formato MP3 com o programa *Adobe Audition*, considerando que os arquivos disponíveis, em formato WMA, permitem apenas a audição por meio do *Windows Media Player*, mas não a operação de salvar. As versões em texto disponíveis também foram copiadas. Já os áudios dos 13 programas não disponibilizados no *blog* foram fornecidos

pelo jornalista em um CD em março de 2010, sendo que quatro deles também com a versão em texto. Após a análise, foi realizada uma entrevista pessoal com o jornalista.

Finda a análise da contraparte brasileira, procedeu-se à coleta de todos os programas do *National History Project* veiculados pela *National Public Radio* no período de novembro de 1999 a julho de 2001, data que marca o término da experiência, totalizando 77 programas. O procedimento foi realizado com facilidade no dia 25 de abril, uma vez que tanto os textos como os áudios estão disponibilizados em formato que pode ser gravado em outros suportes. A necessidade de conhecer mais de perto a obra do selecionador, o escritor Paul Auster, foi atendida com a leitura de seus livros (incluindo o mais recente, *Invisível*, lançado em maio de 2010 no Brasil). Finalmente, foram selecionadas as 54 histórias que foram ao ar no ano de 2000. Deste recorte, 12 áudios não estão disponíveis, já que seus *links* remetem a outros programas, embora todos os textos estejam disponíveis em inglês. Destas 54 histórias, 28 constam do livro *Achei que meu pai fosse Deus: e outras histórias da vida americana* (Cia das Letras, 1995), tendo, portanto, tradução disponível em português.

### **Conte sua História de São Paulo**

O quadro<sup>2</sup> *Conte sua História de São Paulo* nasceu como uma homenagem aos 452 anos da cidade, em 25 de janeiro de 2006. Ele faz parte do programa *CBN São Paulo*, que vai ao ar em dias úteis das 9h30 às 12h e aos sábados, das 10h às 12h. Atualmente, o quadro é veiculado exclusivamente aos sábados a partir das 10h30. O fato de o quadro não ter patrocinador faz com que sua entrada seja flexível, diferentemente de outros boletins da mesma emissora, como o *Momento do Brinde*, do comentarista Renato Machado, que é veiculado em dias úteis ao redor das 14h.

Nascido em 1963, o âncora do programa, Milton Jung, formou-se em Comunicação Social na PUC do Rio Grande do Sul e começou a carreira jornalística na mesma emissora que o pai trabalhava, a rádio Guaíba de Porto Alegre. Seu pai, Milton Ferretti Jung atua na emissora desde 1958. O repórter<sup>3</sup> chegou a São Paulo em 1991, aos 26 anos, como repórter na *Rede Globo de Televisão* e, desde 2000, integra a equipe da rádio CBN, ancorando o programa matinal *CBN São Paulo*.

---

<sup>2</sup> Embora na CBN o formato deste programa curto seja chamado de quadro, denominação compartilhada com a televisão, há autores que o definem de outras formas: “O formato de um programa de curta duração, que em média dura entre um e três minutos, é chamado de programete, pílula, dropes, boletim, entre outros” (...). (Prado, 2006: 67).

<sup>3</sup> Entrevista concedida pelo jornalista em 14 de abril de 2010.

Por cinco anos, Jung acompanhou o profundo interesse dos ouvintes nas memórias da cidade até propor um quadro temático à Mariza Tavares, diretora executiva da Rede CBN. Tavares, que já conhecia o livro *Achei Que Meu Pai Fosse Deus*, do escritor Paul Auster, publicado no Brasil naquele ano, 2005, deu sinal verde para a proposta.

Uma das primeiras medidas foi criar um e-mail para funcionar como canal de comunicação com os ouvintes ([contesuahistoria@cbn.com.br](mailto:contesuahistoria@cbn.com.br)). A princípio, o quadro duraria apenas duas semanas, o suficiente para veicular o material colhido na data comemorativa da cidade. Contudo, graças ao interesse despertado nos ouvintes, o quadro acabou conquistando espaço fixo na programação. Cento e dez histórias do primeiro ano foram, ao longo de seis meses, organizadas pelo jornalista que, em 2006, publicou o livro *Conte sua História de São Paulo* pela Editora Globo (Jung, 2006).

Desde o princípio, não houve a imposição de um formato. A colaboração é livre, não havendo um modelo nem limite de linhas a ser seguido pelos ouvintes.

Um suporte importante para a divulgação do quadro ocorre por meio digital, no caso [o blog do jornalista Milton Jung](#). Ressalta-se que, no período analisado, não houve regularidade de lançamento do conteúdo (nem todos estão presentes), não havendo igualmente dia certo para postagem. Contudo, ressalta-se a evolução do *blog* apresentada no período. No primeiro programa de 2009 disponibilizado, por exemplo, em 26 de janeiro (uma segunda-feira), não há versão de texto nem crédito do sonorizador, importantes contribuições que foram agregadas ao longo do tempo.

Os textos ficam disponíveis na íntegra a partir de 2 de maio de 2009, ainda por meio de hiperlinks, quando também o protagonista passa a ser creditado como *ouvinte-internauta do CBN SP*. Os textos corridos num único documento são liberados a partir de 15 de maio do mesmo ano.

Em 2009, a maioria das histórias (96%) foi enviada por anônimos. Houve apenas uma colaboração de personagem conhecido, lida por Jung no dia 23 de maio de 2009, enviada por Guarabyra (Guttemberg Nery Guarabyra Filho) no dia do falecimento do cantor e compositor Zé Rodrix (José Rodrigues Trindade), 22 de maio de 2009.

No quesito sonorização, e embora o crédito já fosse ao ar na versão em áudio, de forma regular, desde 21/4, e que outros sonorizadores tenham participado no início do ano, é somente em 15/8/2009 que o *blog* passa a registrar o crédito ao responsável pela sonorização, em sua maior parte o operador de áudio Cláudio Antônio. Na mesma

edição, o modo de participação é ampliado, passando-se a aceitar arquivos de áudios, embora não tenha havido nenhum registro de recebimento desta modalidade em 2009.

Quanto à interatividade, foram registrados 86 comentários às 39 histórias disponíveis no *blog* do jornalista, totalizando uma média de 2 comentários por história. O teor dos comentários sugere uma comunidade virtual atenta ao quadro e também às ações da CBN, como a campanha “*adote um vereador*”, bem como com vinculações reais e cotidianas com os autores. No ano de 2010, a captação muda radicalmente graças a uma parceria com o *Museu da Pessoa*, de São Paulo. Desde então, os depoimentos são gravados naquele local, cabendo a Jung a seleção e a edição para apresentação no rádio.

### **National History Project**

O *National Story Project* nasceu em 1999, durante uma entrevista de Paul Auster ao programa *All Things Considered*, da *National Public Radio* (NPR). “Depois do programa, me perguntaram se eu estaria interessado em voltar. ‘Para fazer o que?’, perguntei. ‘Para contar histórias’, foi a resposta. Eu pensei sobre o assunto por alguns dias, pensei sobre o que é o rádio, o que é a NPR e o que ela significa... e decidi que eu estaria interessado... mas apenas se eu pudesse contar histórias de outras pessoas e não apenas as minhas”<sup>4</sup>.

No livro que organizaria mais tarde, em 2001, primeiramente com o título *I Thought My Father Was God, and Other True Tales from NPR's National Story Project*, depois alterado para *True Tales of American Life* (traduzido no Brasil como *Pensei que Meu Pai Fosse Deus – e outras histórias da vida americana*), Auster revela que a ideia partiu de sua segunda esposa, a crítica de arte e escritora Siri Hustvedt. Ela sugeriu ao marido que, em vez de ele escrever as histórias, ele poderia pedi-las aos ouvintes. Ao escritor caberia a seleção e a leitura no ar.

Nascido em 1947, o escritor já era um autor reconhecido desde o lançamento de suas memórias, *The Invention of Solitude*, de 1982, lançada no Brasil como *A Invenção da Solidão* pela editora Best Seller em 1997 e, sobretudo, a partir de *A Trilogia de Nova York*, de 1987, publicada no país pela Companhia das Letras em 1999.

Filho de uma família de classe média de origem polonesa, o romancista realizou o *National Story Project* por três anos, de 1999 a 2001, sempre no primeiro sábado de

---

<sup>4</sup> Esta e as demais são traduções livres dos autores a partir do *site* da National Public Radio. Disponível em: < <http://www.npr.org/programs/watc/features/1999/991002.storyproject.html> >. Acesso em: 4 jun 2010.

cada mês. Ao todo, Auster recebeu mais de 5 mil histórias de diversos tipos, dos relatos lúdicos aos dramáticos. Os textos e os áudios do programa ainda podem ser acessados na internet no link do [National Story Project](#).

Com tantas histórias disponíveis, Auster estabeleceu um critério pessoal de escolha. Para ele, a narrativa deveria ser surpreendente, inesperada, real sim, mas tão improvável que parecesse ficção.

Os temas abordados foram variados: Aids, alcoolismo, a Grande Depressão e a Segunda Guerra Mundial, uma árvore de Natal no Brooklyn e um anel de casamento materno perdido<sup>5</sup>. Além de Auster, estavam envolvidos no projeto Jacki Lyden, o colaborador Bill Helmantoler e os produtores Davar Ardalan e Rebecca Davis.

O que o escritor achou de participar no projeto? “No nível pessoal, (o projeto) me manteve conectado com muitos estranhos (...) que nunca conheci. É muito bom para uma pessoa que passa muito tempo sozinha, fechada num pequeno quarto tentando escrever. Eu realmente gostei muito dessa companhia. Em segundo lugar, foi um grande experimento filosófico para mim. (...) Eu realmente queria saber (...) se as pessoas experimentavam a vida de uma forma bizarra como eu, se coisas inesperadas tinham acontecido para elas também – parece que minha própria vida é um reservatório de eventos imprevisíveis. Eu queria saber se eu era um maluco da natureza ou se esta era a forma que o mundo realmente funciona. Eu tenho de dizer que acho que sou uma pessoa comum. O trabalho de muitas pessoas que li mostram experiências assim”<sup>6</sup>.

Apesar do recorte, Auster não resistiu a incluir no projeto algumas histórias que fugiam à regra. Uma delas, do ouvinte Tim Clancy, que não faz parte do livro, tem como cenário a pequena fazenda rural em Michigan onde o autor viveu os primeiros anos de sua vida (1953 - 1960). Auster a classifica não como uma história, mas um “momento”, no qual descreve de forma imagética a interação da família de muitos filhos num final de tarde de verão. A segunda é uma bela e inesperada contribuição de Ameni Rozsa, de Massachusetts, que encerra o livro, onde ganhou o título de *Uma Tristeza Mediana*. Nela, a ouvinte conta a evolução de sua vida por meio da escuta radiofônica.

---

<sup>5</sup> Disponível em: < <http://www.npr.org/programs/watc/storyproject> >. Acesso em: 5 jun 2010.

<sup>6</sup> “I’m neither a believer nor a skeptic, just looking for evidences”.

Disponível em: < <http://www.npr.org/programs/watc/storyproject> >. Acesso em: 5 jun 2010.

## Semelhanças e diferenças

Para efeito de análise comparativa dos dois universos, foram estabelecidos sete eixos temáticos: forma de envio, público, seleção, conteúdo, locução, sonorização e convergência com outros meios.

1. **Forma de envio:** no caso estadunidense, os principais canais de envio foram carta e internet. Convém ressaltar que o período analisado é o ano 2000. Já no caso brasileiro, não houve cartas, somente e-mails (tanto que convencionou-se chamar o participante de ouvinte-internauta). No entanto, o período analisado (2009) contém alguns depoimentos colhidos pela própria emissora em seu estúdio móvel durante as celebrações de aniversário da cidade.
2. **Público:** segundo dados disponíveis em seu site, a *National Public Radio*<sup>7</sup> é uma produtora e distribuidora não comercial de programas de notícias, entrevistas e entretenimento. Por semana, congrega 26.4 milhões de ouvintes por meio de suas 900 estações filiadas, que combinam a programação nacional à local. Neste contexto, ouvintes de todo país participaram do programa *National History Project*. Já o quadro *Conte Sua História de São Paulo* está inserido no programa local da rede de emissoras, o *CBN São Paulo*, contando comparativamente com um número muito menor de ouvintes. No período de janeiro a março de 2010, a audiência da emissora de rádio em São Paulo foi de 948.840 segundo dados do Ibope<sup>8</sup>. A CBN integra o Sistema Globo de Rádio, que nasceu a partir da Rádio Globo no Rio de Janeiro, fundada em 2 de dezembro de 1944. Hoje a rede está presente em 30 cidades do país e na web<sup>9</sup>. Devido à convergência dos meios, esse número cresce muito uma vez que há comunidades da CBN em praticamente todas as redes virtuais: You Tube (dois canais, Rádio CBN e Esportes CBN, com 3.772 inscritos), Facebook (2.123), Orkut (27.940 comunidades), Twitter (189.821 seguidores de 7 programas, 5 âncoras e 12 comentaristas), além das 172.102 requisições diárias de *podcast*, segundo dados de março de 2010. Em fevereiro de 2010 o site da CBN teve 41.288 visitas, sendo que 54% foram feitas a partir do Estado de São Paulo. A CBN também envia *newsletters* aos interessados, nos dias úteis, a *CBN Express* (87.816 inscritos) e a *CBN Express Temática*, que

---

<sup>7</sup> Disponível em: < <http://www.npr.org/about> >. Acesso em: 15 jun 2010.

<sup>8</sup> Os demais dados da CBN foram fornecidos por Mariza Tavares em palestra realizada em 19/5/10 na FIAMFAAM Centro Universitário, campus Liberdade/SP.

<sup>9</sup> Disponível em: < <http://www.sgr.com.br/web/site/con-area.aspx?SmId=2> >. Acesso em: 15 de jun 2010.

aborda cinema, vinhos, livros e tecnologia, enviada de segunda a quinta-feira (87.584 inscritos).

3. **Seleção:** a forma usada para a escolha das histórias é diferente nos dois casos. O jornalista Milton Jung busca “histórias engraçadas, curiosas, às vezes até chocantes, que sejam significativas na ótica do autor e da comunidade, gerando potencial de identificação”<sup>10</sup>. Segundo ele, muitas não foram aproveitadas porque não se tratavam de histórias, mas declarações de amor à cidade. Para Auster, uma boa história deveria ser surpreendente, inesperada, real, mas tão improvável que parecesse ficção. Ainda assim, abrigou histórias que não se encaixavam neste critério em dois casos, uma descrição de uma tarde de verão em família e uma história de vida contada tendo o rádio como sincronizador.
4. **Edição:** nenhum dos dois selecionadores diz ter feito grandes intervenções nos textos e ambos elogiam a qualidade do material recebido. No caso americano, nota-se alguma diferença entre o texto disponibilizado na internet e a versão lida pelo escritor. No caso brasileiro, Jung pedia por e-mail que o ouvinte encurtasse histórias extremamente longas ou, às vezes, ele mesmo as resumia.
5. **Duração:** das 28 histórias apresentadas em 2000 pela *Public National Radio*, há 18 com áudio disponibilizado. Destas, a mais curta tem 2’07 e a mais longa, 12’01. No caso da CBN, a menor tem 2’20 e a mais extensa, 7’46.
6. **Conteúdo:** a seleção temática foi vasta em ambos casos. No americano, compreendeu casos extraordinários, como a descoberta do paradeiro de um periquito anos depois da fuga, roubos (o vaso de cinzas da mãe, posteriormente reencontrado), relacionamentos amorosos, lembranças pessoais, encontros com famosos (Babe Ruth), falecimentos e datas comemorativas (Valentine’s Day, Natal), entre outros. No brasileiro também nota-se a ocorrência de efemérides (Natal, aniversário da cidade), mas há a predominância de lembranças pessoais relacionadas à cidade, além de catástrofes naturais que a atingem (enchentes). Talvez a grande diferença seja por conta das histórias sobre guerra, estimuladas por Auster por conta de uma data comemorativas, o *Memorial Day*, que levaram os ouvintes a compartilhar reminiscências até da Guerra Civil Americana (1861–1865), quando 11 estados do sul dos Estados Unidos apartaram-se dos EUA, formando os Estados Confederados da América, aprofundando o conflito contra

---

<sup>10</sup> Entrevista concedida pelo jornalista em 14 de abril de 2010.

os estados do Norte, mais industrializados, e a morte de quase 1 milhão de pessoas.

7. **Locução:** não se nota intenção do escritor Paul Auster em comover o ouvinte por meio da voz, salvo a preocupação com a boa dicção. Já Jung, com vasta experiência no meio radiofônico, tira partido das técnicas de locução para tornar a leitura mais atraente.
8. **Sonorização:** uma das principais diferenças entre as duas experiências. O caso brasileiro prima pela parceria entre o jornalista e o sonorizador. Uma vez selecionado o material, o criativo sonorizador Cláudio Antônio busca vários elementos para compor a história, facilitando a compreensão por parte dos ouvintes. Já a sonorização do programa americano limitou-se a inserção eventual de músicas relacionadas.
9. **Convergência com outros meios:** em ambos os casos, foi publicado um livro impresso. No caso brasileiro, o material está contido em um *blog* do jornalista, atualizado de forma irregular, mas que apresentou evolução ao longo do período. Os áudios somente são possíveis de serem gravados por meio de programas que a audiência talvez não domine. Na experiência americana, há um *site* bem organizado, todos os textos estão disponíveis, o áudio é facilmente gravado, porém há 10 programas que não podem ser ouvidos, provavelmente por lançamento errôneo de material (os programas, repetidos, são os mesmos da semana anterior).

### **Cultura do Ouvir**

As histórias narradas através do rádio por Milton Jung e Paul Auster são exemplos de oralidade mediatizada, isto é, de narrativas escritas vocalizadas diante de aparatos eletrônicos que codificam e decodificam os sons para veiculação por ondas eletromagnéticas ou suportes digitais. O termo oralidade mediatizada consta da classificação anotada pelo medievalista suíço Paul Zuntlhor (1915-1995) para distinguir a oralidade primária das sociedades sem escrita, a oralidade mista que convive com a escrita, a oralidade secundária que se reorganiza a partir da escrita e, finalmente, a oralidade mediatizada (ZUMTHOR, 1983: 36 e SILVA, 1999: 48). A leitura das narrativas dos ouvintes no rádio nos leva a observar que o rádio é um meio que reúne

multiplas oralidades, “escapa a uma classificação estanque: nem só oralidade primária, nem só mista, nem só mediatizada, mas múltiplas oralidades ...” (NUNES, 1993: 134).

O uso de um meio sem imagem, ou melhor, de um meio limitado ao som não é um defeito ou limite da narrativa mediatizada pelo rádio. Sabemos também, como já foi observado psicólogo e teórico da arte Rodolf Arnheim (1904-2007), que diferente da literatura onde temos acesso as cenas através da mediação do escritor, “a escuta radiofônica torna a pessoa viva e presente diante de nós através de sua voz” (ARNHEIM, 2005: 76).

Em *O Diferencial da Cegueira*, o capítulo central do livro *Estética Radiofônica*, Arnheim aponta o potencial único do rádio como arte narrativa. Estudando a questão, o docente e pesquisador Eduardo Meditsch, da Universidade Federal de Santa Catarina, observa que Arnheim considera que o rádio tem “a possibilidade de unir os recursos expressivos da música e da literatura numa forma de expressão superior, que carrega o poder emocional da primeira com a capacidade intelectual da segunda” (MEDITSCH, 2005: 103). Ainda dialogando com Arnheim, Meditsch lembra que “a cegueira do rádio permite que a narrativa nos conduza de uma situação para outra diferente, de um diálogo para o pensamento de um personagem, de uma situação concreta para uma idéia abstrata, e nada disso parece absurdo, porque funciona da mesma forma que o nosso devaneio” (MEDITSCH, 2003: 107). Assim, observa que o rádio também pode evocar imagens visuais no ouvinte, mas não evoca só imagens visuais. Evoca, como observamos nas narrativas dos programetes brasileiros e estadunidenses, um conjunto de sensações táteis e melódicas, sons, sabores, odores, emoções, visões de mundo compartilhadas pelos protagonistas das histórias dos ouvintes narradas por Jung ou Auster.

A história de Ameni Rozsa, de Williamstown, Massachusetts, contada por Auster como *Uma tristeza mediana* (AUSTER, 2005:390), indica o potencial vinculador do áudio, dos meios sonoros, especialmente o rádio. Nos momentos de solidão que experimentou quando encerrou relacionamentos ou perdeu empregos, Ameni conta que o som do rádio a acompanhou como um anjo da guarda. “Andamos de um lado para o outro cuidando de nossas atividades e o rádio pacientemente nos segue. Sua persistência abranda até mesmo nossos isolamentos mais súbitos e cortantes, amacia o espaço entre nossas almas e as paredes sempre distantes” (AUSTER, 2005:388).

Este exemplo releva elementos da concepção de comunicação como experiência que gera ambientes afetivos ou vinculadores; mostra que a narração cria uma paisagem

sonora que envolve a protagonista que enviou a história, o locutor que a narra num processo de oralidade mediatizada e os ouvintes, integrando-os num processo de comunicação no qual todos são, de certa forma, protagonistas que pertencem a um corpo social sonoramente sincronizado. Nos desafia a compreender que os envolvidos não se limitam aos termos de narradores ativos e ouvintes atentos, mas todos participam do processo de comunicação no qual, como diria o antropólogo estadunidense Ray Birdwhistell (1918-1994), “um indivíduo não comunica, ele participa de uma comunicação ou se torna um elemento dela (...), ele não é o autor da comunicação, ele participa dela” (BIRDWHISTELL *apud* WINKIN, 1998: 80).

A história [\*O Rolex de meu pai\*](#), de Rubens Soderi (ou Camargo), contada por Milton Jung em 18 de abril de 2009, com sonorização de Cláudio Antônio, retoma lembranças da infância do ouvinte-internauta quando sua mãe lhe disse que o tiquetaque do relógio se confundia com as batidas do coração paterno. Para sua surpresa, relata que tempos depois da morte do pai observou que seu relógio havia parado justamente no momento do seu falecimento: 14h05. Entre a infância e a maturidade de Rubens, a narrativa resgata a jornada da vida de seu pai em termos de ascensão profissional, casamento, estudos e educação dos quatro filhos. Uma jornada, com raízes arquetípicas, que ao mesmo tempo é tão particular e pessoal quanto marcada pelos traços comuns das jornadas de vida de homens e mulheres das famílias paulistanas dos anos sessenta<sup>11</sup>.

A singularidade da narrativa também está justamente no fato que, por gerar um ambiente de comunicação, o ouvinte-internauta ou narrador que escreveu a história, o locutor, o sonoplasta e os ouvintes – ao vivo ou os que acessam o *blog* – participam, como se estivessem integrados em uma orquestra. Experimentam um processo de comunicação que, conforme lembra o antropólogo belga Ives Winkin, pode ser chamado de modelo de comunicação orquestral. Winkin enfatiza que a analogia da orquestra, utilizada de forma pedagógica para questionar o modelo de comunicação telegráfica ou linear com um ponto de partida e de chegada, tem por objetivo mostrar que “cada

---

<sup>11</sup> A presença de elementos arquetípicos da chamada “jornada do herói”, na perspectiva de Joseph Campbell, foi estudada por Monica Martinez em *Jornada do Herói – estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo* (Martinez, 2008). Uma análise da jornada do herói, a partir de uma narrativa do *Conte sua história de São Paulo* também integrada o *corpus* da dissertação de mestrado de Marcelo Cardoso. Em *O jornalismo radiofônico e as narrativas vinculadoras: experiências de emissoras paulistanas*, o pesquisador analisa a narrativa *A história de meu pai*, do ouvinte Mário Curcio, apresentada por Milton Jung em 4 de outubro de 2008 (Cardoso, 2010).

indivíduo participa da comunicação, mais do que é sua origem ou ponto de chegada” (WINKIN, 1998: 33).

Por estarem disponíveis pelas ondas do rádio ou na Internet, as narrativas de Milton Jung e Paul Auster indicam que no contexto da convergência dos meios e dos processos de comunicação temos a possibilidade de cultivar, em plena era da multiplicação das imagens, a cultura do ouvir (BAITELLO, 2005: 108 e MENEZES, 2008: 116).

Tal perspectiva abre caminhos para a compreensão do universo sonoro das narrativas que envolvem os corpos dos protagonistas. As narrativas, pelo fato de serem percebidas em um contexto tridimensional, tocam todo o corpo dos envolvidos, podem enriquecer os processos comunicativos hoje muito limitados à abstração própria dos meios que privilegiam a visualidade. Integram, na interface entre cultura da imagem e cultura do ouvir, a proposta de Norval Baitello, em diálogo com Joaquim-Ernst Berendt (1993) e Dietmar Kamper (2004), a respeito de “um novo milênio para o ouvir” (BAITELLO, 2005: 108). Nesse sentido, observamos que:

Na cultura do ouvir somos desafiados a repotencializar a capacidade de vibração do corpo diante dos corpos dos outros, a ampliar o leque da sensorialidade para além da visão. Ir além da racionalidade que tudo quer ver, para adentrar numa situação onde todo o corpo possa ser tocado pelas ondas de outros corpos, pelas palavras que reverberam, pela canção que excita, pelas vozes que vão além dos lugares comuns ... (MENEZES, 2008: 117).

Assim, na perspectiva da cultura do ouvir podemos dizer que as narrativas “contadas” por Auster e Jung, mesmo que ainda utilizem parte das possibilidades de criação de paisagens sonoras possíveis com a oralidade mediatizada, são bons indícios do uso do rádio como ambiente de geração e cultivo dos vínculos que tornam mais humana a vida em sociedades complexas como as nossas.

## **Conclusão**

Na comparação das duas propostas, ficou claro como o critério de seleção temática marca a identidade dos quadros. No caso brasileiro, cria-se a conexão do ouvinte por meio das memórias passadas ou recentes relacionadas à cidade de São Paulo. Já no americano, a audiência é mais heterogênea e as contribuições também. Contudo, os paralelos são evidentes, pois, e apesar da busca do escritor Paul Auster por histórias fora do normal, os relatos em geral versam sobre vínculos universais, como pais, famílias, relacionamentos amorosos, falecimentos e datas comemorativas cristãs, como o Natal. Ou

seja, no fundo, as histórias contadas são as que marcam a trajetória humana. Convém ressaltar a importância do momento histórico, uma vez que a única temática que não se nota na experiência brasileira é a da guerra, que aparece na proposta americana, seja a da Guerra Civil (1861-1865), ocorrida portanto há mais de um século, ou a Guerra do Vietnã (1959-1975).

Enquanto a proposta estadunidense se baseia na figura de um escritor consagrado, a brasileira conta com o apuro técnico da sonorização, que propicia uma ambientação sonora altamente imersiva. A locução, igualmente, é um elemento poderoso de atração. Finalmente, um elemento interessante é a duração. Apesar do tempo extremamente curto – houve histórias contadas em pouco mais de dois minutos –, dependendo da qualidade textual o *recall* da narrativa é tremendo e, em alguns casos, inesquecível. Como diz a jornalista americana Jay Allison, colaboradora do programa *All Things Considered*, ao analisar o ambiente radiofônico e a força vinculadora das narrativas:

Nós temos feudos e ciúmes, divisões políticas, e ignorância. É diferente de outros lugares? Essas histórias, quase miraculosamente, tendem a quebrar essas divisões. Quando uma história começa, aqueles de nós que estão ouvindo não sabem de onde o contador é, portanto escutamos sem julgamento. Então descobrimos que o contador não é de nossa ilha. A contradição pode levar, sem auxílio, à aceitação. Ao final das contas, nós podemos até começar a pensar que as histórias *deles* são as *nossas* histórias (ALLISON, 2007: 94).

Estes dois modelos de programas de rádio que empregam os relatos pessoais sugerem a usabilidade das narrativas aprofundadas e interativas nos meios eletrônicos e, por meio de suas interfaces com as redes sociais, também digitais. Apontam, também, para o potencial de uso não apenas nas redes nacionais, mas sobretudo nos programas locais. Finalmente, mostram o potencial comunicativo dos ambientes vinculadores, com suas complexas gamas de matizes afetivas.

## Referências

ALLISON, Jay. *Public Radio: Community Storytelling*. In: KRAMER, Mark; CALL, Wendy. **Telling True Stories** – a non-fiction writer's guide from the Nieman Foundation at Harvard University. New York: Plume/Penguin Books, 2007.

ARNHEIM, Rudolf. **Rundfunk als Hörkunst. Estética Radiofónica**. Trad. Manuel Blanch. Barcelona: Gustavo Gili, 1980.

ARNHEIM, Rudolf. *O diferencial da cegueira: estar além dos limites dos corpos*. In: MEDITSCH, Eduardo (Org.). **Teorias do Rádio**. Textos e Contextos. Vol. 1. Florianópolis: Insular, 2005.

AUSTER, Paul. **Achei que meu pai fosse Deus:** e outras histórias da vida americana. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. **Invisível.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. **Leviatã.** São Paulo: Best Seller, s/d.

\_\_\_\_\_. **Noite do Oráculo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. **Timbuktu.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BAITELLO Jr., Norval. *A cultura do ouvir.* In: **A era da iconofagia.** Ensaios de Comunicação e Cultura. São Paulo: Hacker, 2005.

BERENDT, Joachin-Ernst. **Nada Brahma:** a música e o universo da consciência. São Paulo: Cultrix, 1993.

CARDOSO, Marcelo. **O jornalismo radiofônico e as narrativas vinculadoras:** experiências de emissoras paulistanas. 2010. 150 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Faculdade Cásper Líbero, São Paulo. Disponível em: < [http://www.casperlibero.edu.br/rep\\_arquivos/2010/04/23/1272045391.pdf](http://www.casperlibero.edu.br/rep_arquivos/2010/04/23/1272045391.pdf) >. Acesso em: 10 jul. 2010.

JUNG, Milton. **Conte sua história de São Paulo.** São Paulo: Globo, 2006.

JUNG, Milton; SODERI, Rubens. *O Rolex do meu pai.* **Conte sua História de São Paulo. Rádio CBN.** Disponível em: < <http://colunas.cbn.globoradio.globo.com/miltonjung/2009/04/21/conte-sua-historia-o-rolex-do-meu-pai> >. Acesso em: 15 jun. 2010.

KAMPER, Dietmar. *Estrutura temporal das imagens.* In: CONTRERA, M.S. *et alli* (Orgs.). **O espírito do nosso tempo.** Ensaios de semiótica da cultura e da mídia. São Paulo: Annablume, 2004. Disponível em: < <http://revista.cisc.org.br/ghrebh1/> >. Acesso em: 10 jun. 2010.

KRAMER, Mark. *Breakable Rules for Literary Journalists.* In: SIMS, Norman; KRAMER, Mark. **Literary Journalism:** a new collection of the best american nonfiction. Nova York: Ballantine Books, 1995, p. 21-34.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas:** o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. São Paulo: Manole, 2008.

MARTINEZ, Monica. **Jornada do Herói** – estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2008.

MEDITSCH, Eduardo. *Meias-verdades que continuamos ensinando sobre o radiojornalismo na era eletrônica.* **Conexão – Comunicação e Cultura.** Caxias do Sul, v. 2, n.3, p. 99-110, 2003.

MEDITSCH, Eduardo (Org.). **Teorias do Rádio.** Textos e Contextos. Vol. 1. Florianópolis: Insular, 2005.

MENEZES, José Eugenio de O. **Rádio e cidade: vínculos sonoros.** São Paulo: Annablume, 2007.

MENEZES, José Eugenio de O. *Cultura do ouvir: os vínculos sonoros na contemporaneidade*. **Líbero**. São Paulo, ano XI, n. 21, p.111-118, jun. 2008.

MENEZES, José Eugenio de O. *Comunicação e Cultura do Ouvir*. In: KÜNSCH, Dimas A.; BARROS, Laan Mendes de (Orgs.). **Comunicação: saber, arte ou ciência**. Questões de teoria epistemologia. São Paulo: Plêiade, 2008.

NUNES, Mônica Rebecca F. **O mito no rádio**. A voz e os signos de renovação periódica. São Paulo: Annablume, 1993.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A Informação no Rádio** – os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus, 1985.

PRADO, Magaly. **Rádio** – um manual prático. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

SCHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo**. São Paulo: Unesp, 2001.

SILVA, Julia Lúcia de O. A. da. **Rádio: oralidade mediatizada**. O spot e os elementos da linguagem radiofônica. São Paulo: Annablume, 1999.

SPERBER, George Bernard (Org.). **Introdução à peça radiofônica**. São Paulo: EPU, 1980.

ZUFFO, Marcelo Knörich ; LOPES, Roseli. **Ambientes de Realidade Virtual e Realidade Aumentada na Preservação do Patrimônio Histórico**. Seminário Computação gráfica: pesquisas e projetos rumo à Educação Patrimonial. São Paulo, 4 a 6 de novembro de 2008. Disponível em: < <http://www.arquiamigos.org.br/seminario3d/pdf/zuffo-rvra.pdf> >. Acesso em: 4 jun 2010.

ZUNTHOR, Paul. **Introduction a la poésie orale**. Paris: Seuil: 1983.

ZUNTHOR, Paul. **A letra e a voz**. A “literatura” medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

WINKIN, Yves. **A Nova Comunicação**. Da teoria ao trabalho de campo. Campinas: Papirus, 1998.